

4^o SE BRA MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA:
DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE
E PARA A
MUSEOLOGIA

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
2019



Ilustração inspirada em intervenção do artista visual Bené Fonteles, em escultura "A Justiça" de Alfredo Ceschiatti, em 1976.

ORGANIZADORES

Ana Lúcia de Abreu Gomes, Andréa Fernandes Considera, Clóvis Carvalho Britto,
Joquebede Teles da Silva Oliveira, Monique B. Magaldi.

REALIZAÇÃO



Curso de
Museologia



Grupo de Pesquisa **Museologia,**
Patrimônio e Memória

Programa de Pós-Graduação
em Ciência da Informação - PPGINF

APOIO



Faculdade de Economia, Administração,
Contabilidade e Gestão de Políticas Públicas

ORGANIZADORES

Ana Lúcia de Abreu Gomes, Andréa Fernandes Considera, Clóvis Carvalho Britto,
Joquebede Teles da Silva Oliveira, Monique B. Magaldi.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S471 Seminário Brasileiro de Museologia (4. : 2019 : Brasília).
[Anais do] 4º SEBRAMUS : Seminário Brasileiro de
Museologia : democracia : desafios para a universidade e para a
museologia / Ana Lúcia de Abreu Gomes ... [et al.], organizadores.
- Brasília : Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da
Informação, 2020.
1788 p.

Modo de acesso: World Wide Web:
<http://www.sebramusrepositorio.unb.br/index.php/4sebramus/4sebramus/schedConf/presentations>

ISSN 2446-8940.
ISBN 978-65-87555-00-3.

Museologia – Seminários. I. Gomes, Ana Lúcia de Abreu,
(org.). II. Título.

CDU 069(061.3)

4º SE
BRAMUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



Os discursos expográficos sobre a história das Reduções Jesuíticas no Brasil e Argentina

Natália Reichert Greff

Bacharel em Museologia/Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Profa. Dra. Vanessa Teixeira Barrozo Aquino

Curso de Museologia/Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

RESUMO

O trabalho aborda as diferentes narrativas que consolidam exposições sobre a história das reduções jesuíticas no Museu das Missões e no Museu Jesuítico. As reduções foram consolidadas a partir do século XVII, reunindo povoados indígenas e introduzindo o Cristianismo e os modos europeus de civilização, embora muitos dos hábitos Guarani tenham sido ali preservados. Nessa perspectiva, buscou-se analisar de que forma os museus apresentam a história das reduções jesuíticas através dos objetos presentes em suas exposições. Concluímos que os objetos museológicos são fonte de múltiplas possibilidades de contextualização e que os museus missionários podem criar inúmeros discursos para narrar e problematizar a história, buscando desenvolver uma prática curatorial mais inclusiva e com diferentes vozes.

Palavras-chave: Reduções jesuíticas. Exposição. Museu das Missões (Brasil). Museu Jesuítico de San Ignacio (Argentina).

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



ABSTRACT

This work aims to approach different narratives of the exhibitions about the history of Jesuit Reductions in Missions Museum and Jesuit Museum. The Reductions were consolidated in XVII century, gathering native populations and introducing Christianity and European modes of civilization, although many of Grarani's traditional habits were maintained inside the Reductions. From this panorama, tis work analyses how these museums features the Jesuit Reductions' history through their objects chosen to be displayed. It concludes that the objects are source of multiple possibilities of interpretation and the missionary museums can create countless narratives to tell the Jesuits Reductions' history, aiming to develop a more inclusive curatorial practice by showing different perspectives.

Keywords: Jesuits Reductions. Museum exhibition. Missions Museum (Brazil). Jesuit Museum of San Ignacio Miní (Argentina).

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como principal objetivo abordar as diferentes perspectivas que consolidam as narrativas sobre a história das reduções jesuíticas nos museus localizados no Brasil e na Argentina. Os Trinta Povos das Missões, localizados nos atuais territórios do Paraguai, Argentina e sul do Brasil, foram reduções organizadas pelos padres jesuítas da Companhia de Jesus. Consolidadas a partir do século XVII, tinham como objetivo reunir povoados indígenas e introduzir o Cristianismo e os modos europeus de civilização, mas muitos dos hábitos da cultura Guarani foram preservados nesses espaços. Séculos mais tarde, as ruínas dos povoados foram consideradas patrimônio nacional e mundial, reconhecidas por seu valor histórico único.

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



Nessa perspectiva, este trabalho busca analisar de que forma o Museu das Missões de São Miguel das Missões (Brasil) e o Museu Jesuítico de San Ignacio Miní (Argentina) apresentam a história das reduções jesuíticas através dos objetos presentes em suas exposições de longa duração. A pesquisa aborda um recorte de Trabalho de Conclusão de Curso em Museologia, e foi realizada em forma de estudo de caso com abordagem qualitativa, utilizando como metodologia a análise documental, por meio de documentos e sites vinculados às instituições, observações *in loco* e coleta de dados durante as visitas. A fim de compreender os diferentes discursos expográficos existentes e a multiplicidade de narrativas que a cultura material pode suscitar, o texto foi organizado da seguinte forma: em um primeiro momento aborda o histórico das reduções jesuíticas e sua estrutura, em um segundo momento trata sobre o contexto dos sítios arqueológicos que deram origem aos museus missioneiros, para enfim entender as decisões curatoriais e os critérios associativos que compõem as narrativas expográficas apresentadas.

UMA BREVE HISTÓRIA DAS REDUÇÕES JESUÍTICAS

A história das reduções jesuíticas está diretamente relacionada com o desenvolvimento da Província Jesuítica do Paraguai, território sul-americano colonizado pela coroa espanhola. Foram idealizadas e consolidadas a partir do século XVII pelos padres jesuítas da Companhia de Jesus, tendo como objetivo a catequização e introdução dos modos europeus de civilização aos nativos.

Três períodos temporais dividem a história das reduções, conhecidos como Ciclos. O Primeiro Ciclo (1585-1641) inicia com os primeiros trabalhos itinerantes de evangelização através das missões, em que os jesuítas percorriam as aldeias indígenas com o objetivo de

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



propagar a fé cristã. Este Ciclo é demarcado por condições hostis, encerrando-se com a migração das reduções para a margem ocidental do rio Uruguai – atual nordeste da Argentina.

No Segundo Ciclo (1641-1680) houve uma fase de calmaria que finda com a fundação da Colônia de Sacramento pelos portugueses, essa proximidade suscita novas tentativas de ataques. O Terceiro Ciclo (1680-1768) é caracterizado pelo desenvolvimento próspero dos Trinta Povos das Missões até o declínio das reduções jesuíticas. O desenvolvimento dos povoados demandou a divisão das reduções quando estas atingiam o número de seis mil habitantes para cada padre. Por ordem da coroa espanhola, novas reduções foram instaladas na margem leste do Rio Uruguai, formando os Sete Povos da Banda Oriental totalizando os chamados Trinta Povos das Missões (THIELKE, 2014).

O Tratado de Madrid é assinado em 1750, reajustando os limites territoriais das coroas ibéricas na América. Nesse acordo, a Colônia de Sacramento passa à Espanha e a região leste do Rio Uruguai a Portugal, fato que revoltou os habitantes dos Sete Povos que seriam forçados a mudarem, provocando a Guerra Guaranítica. A guerra resultou na expulsão dos jesuítas da Província Jesuítica do Paraguai, em 1768, acusados de apoiar a rebelião dos Guaraní na defesa dos territórios, findando, assim, as reduções jesuíticas.

As reduções jesuíticas dos Trinta Povos formavam sistemas integrados e organizados entre si, formando verdadeiros complexos urbanos, instaladas em condições climáticas e topográficas semelhantes (CONDE, 2016), seguindo o mesmo padrão urbanístico (Figura 1). Custódio (2006) propôs a divisão em dois conjuntos: o primeiro dos padres, onde ali viviam e realizavam atividades religiosas como a reza de missas e o trabalho das oficinas; e o segundo conjunto dos indígenas, com moradias voltadas para o primeiro.

4^o SE
BRA
MUS

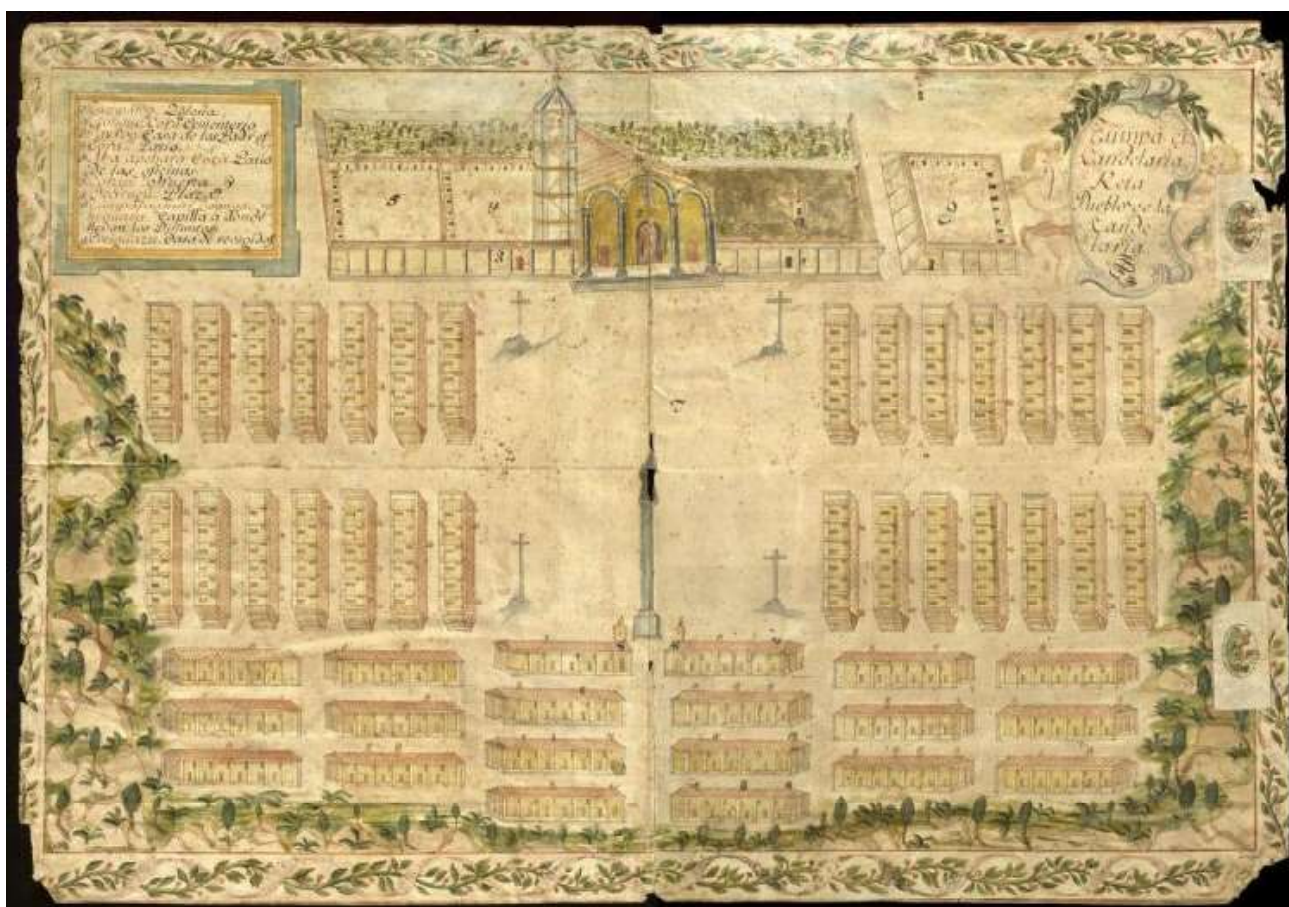
SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



Figura 1: Estrutura urbanística de uma redução (Plano del Pueblo de La Candelaria)



Fonte: Conde, 2016.

A igreja era o edifício mais imponente da redução, a decoração interna era colorida com pinturas de temas religiosos. As esculturas dos santos eram colocadas em retábulos banhados em dourado, confeccionados nas próprias oficinas e os pilares eram produzidos pelos próprios índios (BAPTISTA, 2015). A estrutura era composta por paredes de alvenaria de pedras e adobe,

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



recoberta por pinturas. Ali eram realizadas missas na língua guarani, às vezes inteiramente cantadas, uma vez que a música estava profundamente ligada à religiosidade nas práticas indígenas (MARTINS; POMPA apud BAPTISTA, 2015).

A praça era o centro das vivências sociais. Segundo Baptista (2015, p. 183)²⁹, “Ao modo das aldeias indígenas e cidades espanholas, o espaço ao centro do agrupamento é destinado às manifestações ritualísticas”, onde eram realizadas atividades como procissões, treinamentos do exército e peças teatrais (Idem, 2015).

O claustro, ou a casa dos padres, ficava ao lado da igreja. Eram moradias de acesso restrito que também serviam como colégio, portanto, apenas professores indígenas e crianças do sexo masculino poderiam percorrer pelo pátio central. Ali também se ensinava a música, primeiramente através dos padres, e mais tarde por professores indígenas. A música e a dança tinham grande valor aos Guarani, de forma que os padres organizavam coros e ensinavam as crianças a formarem coros e tocarem instrumentos fabricados nas próprias oficinas (BAPTISTA, 2015).

O prédio das oficinas era anexo ao claustro, onde somente indígenas do sexo masculino podiam participar. Na verdade, as oficinas se estendiam por todos os locais encarregados da produção de materiais (SINHUR, 2007), como ferrarias e marcenarias, e de alimentos, como moinhos e a criação de gado na estância. No entanto, as oficinas de arte eram consideradas um ofício honroso e “nobre” (HAUBERT apud BOFF, 2005), onde tudo que se produzia “de escultura, de pintura e de instrumentos musicais era para o embelezamento dos templos sagrados” (BOFF, 2005, p. 119)³⁰.

O cemitério era instalado do outro lado da igreja, e foi uma das últimas estruturas incorporadas às reduções, pois o entendimento sobre a morte era muito diferente entre jesuítas

²⁹ BAPTISTA, Jean. O temporal: sociedades e espaços missionais. Jean Baptista (Org.). Brasília: IBRAM, 2015. Dossiê missões v. 1: 2 Mb; PDF.

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



e nativos. Atrás do conjunto dos padres ficava a quinta, área murada de plantio de mudas de plantas advindas da Europa.

O cotiguaçu, ou casa das recolhidas, abrigava as mulheres indígenas de todas as idades e em condições de vulnerabilidade, como as viúvas, as órfãs, ou mesmo as esposas cujos maridos estavam afastados do povoado (ROSSI, 2011). As recolhidas ficavam numa “edificação cercada por muros, formando um pátio interno para a qual se abriam os cômodos” (SOSTER, 2014, p. 47)³¹, onde realizavam trabalhos manuais sob a tutela dos padres e da diretora do cotiguaçu. O motivo do isolamento se deve ao fato de que as mulheres eram consideradas uma ameaça aos padres principalmente pelo “tratamento dado pelos jesuítas à temática sexual” (BAPTISTA, 2015, p. 82)³², no entanto, cumpriam “papéis fundamentais e longe estão de serem tomadas como inferiores” (Idem, p. 78) na sociedade Guarani.

O segundo conjunto era o maior do espaço reducional, constituído por moradias indígenas. Possuíam as mesmas medidas, sendo as mais próximas à praça pertencentes aos caciques e suas famílias (SNIHUR, 2007). Adotaram-se repartições nas casas para dividir os membros da família de acordo com o aceitável perante os olhos de Deus, pois na estrutura familiar indígena todos viviam juntos. Além disso, muitos costumes tradicionais dos Guarani foram mantidos, como fogueiras e animais habitando nos espaços. Curiosamente, outros elementos passam a fazer parte das moradias dos nativos como figuras de santos e outros símbolos do Cristianismo (BAPTISTA, 2015).

³⁰ BOFF, Claudete. A Imaginária Guarani: o acervo do Museu das Missões. Santo Ângelo: EDIURI, 2005.

³¹ SOSTER, Sandra Schmitt. Missões Jesuíticas como sistema / Sandra Schmitt Soster; orientadora Anja Pratschke. São Carlos, 2014. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e Área de Concentração em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo -- Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2014.

³² BAPTISTA, Jean. O temporal: sociedades e espaços missionais. Jean Baptista (Org.). Brasília: IBRAM, 2015. Dossiê missões v. 1: 2 Mb; PDF.

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



Por fim, o cabildo, que ficava localizado numa casa em frente à praça, idêntico às moradias indígenas (CUSTÓDIO, 2002). Antes das reduções, os Guarani viviam num senso de reciprocidade nas suas comunidades, elegendo caciques que seriam líderes do grupo. Vistos como autoridade pelos jesuítas, foi implantado nas reduções um conselho administrativo coordenado pelos caciques para dar conta das questões políticas, militares e econômicas. Um acordo vantajoso tanto para os caciques, que mantinham uma posição hierárquica sobre os demais, e aos padres, pois havia somente dois por redução, um encarregado precisamente das atividades religiosas, e outro da gerência do complexo (CUSTÓDIO, 2017; ROSSI, 2011).

As reduções jesuíticas foram palco para diversas atividades ritualísticas e culturais e compreender a estrutura dos espaços nos permite traçar as atividades do cotidiano ali realizadas, a importância da religiosidade e, principalmente, a resistência e a troca de culturas entre padres e jesuítas. Assim, podemos criar um pensamento crítico sobre aquilo que foi preservado e que hoje compõe o patrimônio histórico da Argentina e do sul do Brasil.

DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS AOS MUSEUS MISSIONEIROS

Abandonadas, as reduções jesuíticas foram aos poucos sofrendo com diversas formas de degradação. Dos Trinta Povos das Missões, poucos se mantiveram em boas condições de conservação. Destacamos o foco desta pesquisa, pois a ruína de São Miguel Arcanjo “mantem a igreja melhor conservada”, e a de San Ignacio Miní apresenta o “traçado urbano da missão” mais completo (SOSTER, 2014, p. 95)³³.

³³ SOSTER, Sandra Schmitt. Missões Jesuíticas como sistema / Sandra Schmitt Soster; orientadora Anja Pratschke. São Carlos, 2014. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e Área de Concentração em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo -- Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2014.

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



Em 1938, a ruína de São Miguel Arcanjo foi tombada pelo então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) por iniciativa do arquiteto Lucio Costa, que realiza obras de estabilização da estrutura da igreja, encerradas em 1940. Em 1943, no lado argentino, a Comissão Nacional de Museus, Monumentos e Lugares Históricos (CNMMYLH) tomba a ruína de San Ignacio Miní. Entre os anos de 1983 e 1984, ambas as ruínas foram listadas como Patrimônio da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), consideradas patrimônio transnacional.

Quanto aos museus, seu contexto de criação parte de premissas muito distintas. O Museu das Missões foi inaugurado em 1941, ligado com a preservação das ruínas de São Miguel das Missões, também por iniciativa do arquiteto Lucio Costa, idealizado como um complemento à imponente ruína da igreja, buscando acervos em toda região dos Sete Povos que fossem de cunho religioso. Também foi construída a Casa do Zelador, anexa ao museu, em que o Sr. João Hugo Machado morava e era responsável por guardar e adquirir novas peças. O acervo era, e é ainda hoje, composto primordialmente por arte sacra em madeira e estruturas em pedra.

O Museu Jesuítico de San Ignacio Miní é muito mais recente se comparado ao seu vizinho de fronteira. A primeira iniciativa de comunicação museológica através de uma exposição ocorreu em 1987, contando com maquetes e outros objetos tridimensionais. A exposição manteve-se idêntica até o ano de 2005, quando o governo argentino promoveu uma oficina de capacitação, selecionando vinte e quatro bolsistas com experiência em museus de sítio ou centros de interpretação na Argentina, bem como quatro jovens Mbyá Guarani da província de Misiones (MARTINI, 2007). O resultado foi uma exposição com objetos de materialidades e tipologias diversificadas ligadas ao tema reducional, inaugurada em 2007.

É importante trazer o contexto de preservação dos sítios arqueológicos e da criação dos museus para compreender as relações que eles estabelecem em seu meio interno e externo, pois a política discursiva de uma instituição museológica pode ser um reflexo de seu passado. Os

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



museus são isentos de neutralidade, pois realizam escolhas a todo momento, desde a entrada dos objetos até o modo de comunicação desses artefatos com o público.

COMUNICANDO A HISTÓRIA DAS REDUÇÕES: ANÁLISE DOS DISCURSOS EXPOGRÁFICOS

O museu, enquanto agente de comunicação deve dialogar com o público, principalmente através de suas exposições. Segundo Guarnieri (1986), “A exposição diz, afirma, informa, comunica, registra, questiona. Uma exposição estabelece e subverte.” (2010, p. 139)³⁴, num ato desprovido de inocência. Para Cury (2005), os objetos são dotados de poesia, no entanto, o objeto por si só não comunica ao visitante, não dá continuidade a nenhuma ação. É necessário criar uma série de elementos que auxiliarão na construção desse diálogo.

Segundo Knauss (2003, p. 130)³⁵, a exposição é uma “operação do olhar”, pois o museu define o que será visto e o que será guardado aos olhos do público. Sabendo da história das reduções jesuíticas em sua complexidade e diversidade, levando em consideração o hibridismo cultural e as vivências e experiências religiosas entre jesuítas e indígenas, pressupomos um recorte temático sobre aquilo que é abordado nas exposições do Museu das Missões e do Museu Jesuítico.

O discurso expositivo é a “compreensão da estrutura da exposição, da seleção e organização intencionada dada aos objetos, etc.” (BLANCO, 2009, p. 71, tradução nossa)³⁶. Para

³⁴ GUARNIERI, Waldisa. Exposição: texto museológico e o contexto cultural (1986). In: Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2010. p. 137-145.

³⁵ KNAUSS, Paulo. História de coleção e história de exposição. In: BITTENCOURT, José Neves, BENCHETRIT, Sarah Fassa, TOSTES, Vera Lúcia Bottrel (Eds.). História Representada: O dilema dos museus: Livro do Seminário Internacional. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003. p.127-134 (Livros do Museu Histórico Nacional, v.1).

³⁶ BLANCO, Angela G. La exposición, um medio de comunicación. Madrid: Ediciones Akal, 2009.



analisá-lo nas exposições de temática missioneira, escolhemos o conceito de chaves associativas proposto por Blanco (2009). A autora propõe que, ao reunir objetos num conjunto, a curadoria exerce um fio condutor que produz significados simbólicos tanto no grupo quanto individualmente, criando o que ela chama de “trama da exposição” (BLANCO, 2009, p. 114, tradução nossa).

Os objetos podem ser entrelaçados em uma ou mais chaves associativas, estas sendo: 1) chaves físicas: união dos objetos de acordo com suas características físicas, como por exemplo a forma, a matéria, a técnica, a finalidade, entre outros; 2) chaves espaciais e temporais: mais utilizadas em exposições históricas, situa os objetos num determinado tempo e espaço concretos que os definem e que atribuem sentido a um grupo; 3) chaves culturais: classifica os objetos por seu significado simbólico ou funcional em seu contexto cultural, difere-se da chave física pois interliga os objetos em função do seu valor extrínseco (BLANCO, 2009).

Desse modo podemos situar as exposições missioneiras através das chaves espaciais e temporais, uma vez que ambos os museus comunicam a história das reduções jesuíticas da Província Jesuítica do Paraguai no século XVII a XVIII, ou seja, possuem espaço e tempo bem definidos. Trouxemos alguns exemplos de agrupamentos presentes em ambos os museus para análise.

O Museu das Missões possui duas salas expositivas para abrigar uma única exposição. Ainda mantém a proposta original de dialogar com a ruína da igreja, com objetos voltados para a sacralidade, tal como fragmentos de altares em arenito, sinos em pedra (Figura 2) e, principalmente, arte sacra missioneira em madeira policromada de diversos tamanhos (Figuras 3 e 4).

Figura 2 – Agrupamento de objetos: sinos





Fonte: Natália Greff, 2018.

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



Figura 3 – Agrupamento de objetos: arte sacra missioneira de tamanho médio



Fonte: Natália Greff, 2018.

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



Figura 4 – Agrupamento de objetos: arte sacra missioneira de tamanho pequeno



Fonte: Natália Greff, 2018.

As figuras acima representam alguns dos agrupamentos de objetos propostos pela curadoria da exposição, indicando uma relação entre eles. É possível perceber que em todas as situações as chaves físicas são as que entrelaçam todos os objetos, seja pela finalidade e matéria, como na Figura 2, pela técnica de produção e estilo, como na Figura 3, ou pela forma, como na Figura 4. As chaves físicas são predominantes em todos os conjuntos encontrados no Museu das Missões.

Um fator limitante na experiência expográfica é a falta de textos de apoio, possuindo apenas um painel por sala que narra uma história mais abrangente sobre a história das reduções, e as legendas também se apresentam todas iguais: “madeira policromada, século XVII-XVIII”. Nota-se que há pouca informação que contextualize os objetos e situe o visitante.



4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

O Museu Jesuítico também possui duas salas expositivas e duas exposições, a primeira chamada Patrimonial e a segunda Histórica. A primeira exposição é uma adaptação daquela criada no ano de 2005 a partir da oficina de capacitação promovida pelo governo argentino, de forma que os mesmos objetos foram distribuídos numa sala menor que a original. Através da curadoria constituída por diversos profissionais da área e jovens Guarani, fica claro que o discurso da exposição foi inclusivo, trazendo não só a história contada a partir da perspectiva jesuíta, mas também através de objetos da cultura indígena.

Os objetos são diversificados em materialidade e em significado. Há uma vitrine com agrupamentos por matéria e uso, como o ferro produzido nas oficinas da redução e louças trazidas da Europa pelos padres (Figura 5). No meio há uma pedra com pés de uma criança indígena, demonstrando uma transição e adaptação dos costumes europeus e da criação dentro do espaço reducional.

Figura 5 – Agrupamento de objetos: materiais usados nas reduções



Fonte: Natália Greff, 2018.



4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

De acordo com os conceitos de Blanco (2009), é possível identificar tanto chaves físicas que conectam os objetos através da materialidade e da finalidade, como chaves culturais, pois os objetos dessa vitrine apresentam signos de um grupo social através da produção de artefatos nas oficinas e da cultura trazida da Europa. Na mesma exposição há outra vitrine com agrupamentos de objetos de materialidades diversas (Figura 6) através das chaves culturais, demonstrando desenvolvimento na pesquisa prévia para reuni-los e interligá-los com coerência. Os objetos agrupados são advindos da cultura indígena, como cachimbos e boleadeiras, bem como objetos religiosos como uma cruz e um fragmento de altar.

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



Figura 6 – Agrupamento de objetos: interculturalidade



Fonte: Natália Greff, 2018.

4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



Todos esses elementos foram presentes no ambiente reducional, e a proposta do conjunto de objetos, tal como diz no texto de apoio, é a interculturalidade, justificando o violino introduzido pelos jesuítas na musicalidade indígena. A exposição da sala ao lado chama-se Histórica e comunica como se deu o processo de restauração das ruínas na década de 1940. Nesse caso, os objetos são interligados pelas chaves físicas de sua materialidade. Nota-se a presença excessiva de textos expográficos e imagens nas vitrines, desviando o foco dos objetos. É possível concluir, portanto, que ambas as exposições possuem pontos positivos e pontos a serem adaptados a fim de aprimorar a comunicação com o público.

No Museu das Missões foi observado que, desde sua concepção, o prédio foi construído com a função de museu, de forma que as salas expositivas foram planejadas e possuem o espaço adequado para expor os objetos que, por sua vez, são constituídos de um acervo ímpar de arte sacra missioneira, tornando o museu precursor na preservação desta tipologia de arte que atrai visitantes e pesquisadores. O fato de haver um grande interesse acadêmico no acervo o torna rico em pesquisas e publicações referentes ao tema, o que nos leva ao ponto negativo da exposição: a falta de informações referente aos objetos que poderiam qualificar a exposição e, principalmente, a compreensão da história das reduções. Datas mais precisas, detalhamento das cores utilizadas na pintura das esculturas ou mesmo o uso delas em diferentes aspectos sociais contribuiriam para tal.

O Museu Jesuítico, por sua vez, possui salas adaptadas em um novo espaço para abrigar duas exposições. A primeira, chamada Histórica, foi pensada curatorially por diversos profissionais de museu e indígenas, sendo possível observar essa complexidade na própria escolha dos objetos e nos textos de apoio mais elaborados, delimitando com clareza as chaves associativas. Um ponto negativo é a quantidade de textos, pois o museu oferece traduções em inglês para os turistas, criando um exagero visual ao visitante. O mesmo ocorre na exposição Patrimonial, onde há grande quantidade de textos em espanhol e inglês, dificultando a visão dos

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



fragmentos de ruína ali expostos. Alguns objetos também estão fora de contexto em relação ao tema da exposição, dando a sensação de preencher lacunas no espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fim de compreender os discursos expográficos apresentados pelas instituições museológicas missionárias foi necessário percorrer caminhos que antecedem os processos de curadoria, traçando um caminho que vem desde a concepção das reduções jesuíticas enquanto espaço de ensinamento da fé cristã e do processo de inserção dos indígenas aos costumes europeus, bem como da resistência e da preservação da cultura nativa dentro do sistema reducional. Entender a complexidade das reduções através das diversas pesquisas já realizadas nessa temática possibilita abrir caminhos para a interpretação das exposições apresentadas pelos museus atualmente.

Por um lado, temos um museu brasileiro que escolheu preservar somente artefatos relacionados à religiosidade cristã, num discurso muito comum à época em que foi criado, em 1941. Inicialmente pensada para educar os visitantes acerca dos Sete Povos, é possível perceber que essa característica se mantém até os dias atuais, muito embora o acervo de arte sacra missionária possibilite diversas abordagens em uma exposição.

Já o museu argentino optou pela preservação de artefatos diversas materialidades e funções. As exposições históricas muitas vezes escolhem agrupar objetos através das chaves físicas, mas foi possível observar ligações mais complexas entre os objetos expostos, fazendo uso das chaves culturais em sua abordagem. O fato de a exposição ter sido inaugurada em 2007 com uma curadoria compartilhada contribui para este fato, especialmente pela participação indígena e inserção das tradições na narrativa expográfica. No entanto, é preciso refletir se este

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



fato só ocorreu somente no processo curatorial ou se ainda há diálogo com a comunidade indígena local.

O papel de uma exposição é possibilitar diferentes leituras de acontecimentos e dar condições ao visitante avaliar criticamente as informações. Após análise das duas exposições e seus museus, é possível concluir que há lacunas entre as duas instituições, falta de parcerias institucionais que poderiam alavancar a comunicação entre as mesmas e entre o público. Exposições museológicas levam tempo para serem concebidas, requerem esforços curatoriais e físicos, pensando em todos os detalhes que irão interferir em sua compreensão total. Não devem, portanto, ser estáticas, devendo sempre dialogar com o público a fim de receber um *feedback* para adaptarem-se aos diferentes olhares e realidades.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Jean. **O temporal: sociedades e espaços missionais**. Jean Baptista (Org.). Brasília: IBRAM, 2015. Dossiê missões v. 1: 2 Mb; PDF.

BLANCO, Angela G. **La exposición, um medio de comunicación**. Madrid: Ediciones Akal, 2009.

BOFF, Claudete. **A Imaginária Guarani: o acervo do Museu das Missões**. Santo Ângelo: EDIURI, 2005.

CONDE, María Blanco. La “polis ideal” de los jesuitas. El “plano de la Candelaria” en la colección de la Biblioteca AECID. **Biblio AECID Madrid**. In: La Reina de los Mares [online], 2016. Disponível em: <<https://biblioaecidmadrid.wordpress.com/2016/08/18/la-polis-ideal-de-los-jesuitas-el-plano-de-la-candelaria-en-la-coleccion-de-la-biblioteca-aecid/>>. Acesso em: 25 ago. 2018.

CURY, Marília Xavier. Museu e comunicação museológica. In: Exposição: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2005, p. 34-37.

CUSTÓDIO, Luiz Antonio Bolcato. **A Redução de São Miguel Arcanjo: contribuição ao estudo da tipologia urbana missioneira**. Porto Alegre: UFRGS, 2002. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional), Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002, 170 p.

_____. **Missões Jesuíticas: Arquitetura e Urbanismo**. Caderno de História, n. 21. Porto Alegre: Memorial do Rio Grande do Sul, 2006.



4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

_____. Ordenamentos urbanos nas missões Jesuíticas dos Guarani - parte 1. **Arquitextos**. São Paulo, v. 200.05, ano 17, jan. 2017 [online]. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/17.200/6398>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

GREFF, Natália Reichert. **Narrativas de um tempo**: Discursos expográficos sobre a história das Reduções Jesuíticas no Brasil e Argentina. 2018, 108 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2018. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/189813>>. Acesso em: 26 jul. 2019.

GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**: cultura ameríndia e civilização do Renascimento. Ed. Paidós, Espanha, 2007.

GUARNIERI, Waldisa. Exposição: texto museológico e o contexto cultural (1986). In: **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri**: textos e contextos de uma trajetória profissional. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2010. p. 137-145.

KNAUSS, Paulo. História de coleção e história de exposição. In: BITTENCOURT, José Neves, BENCHETRIT, Sarah Fassa, TOSTES, Vera Lúcia Bottrel (Eds.). **História Representada**: O dilema dos museus: Livro do Seminário Internacional. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003. p.127-134 (Livros do Museu Histórico Nacional, v.1).

MARTINI, José Xavier. El Taller de Capacitación para personal de centros de interpretación y museos de sitio. In: MARTINI, J. X. (Coord. ed.). **Centro de interpretación San Ignacio Miní**: Las Misiones Jesuítico-Guaraníes. La originalidad de una construcción social. Secretaría de Cultura de la Nación y Gobierno de Misiones. Misiones, Argentina: Latingráfica, 2007.

OLIVEIRA, Lizete Dias de. **Sistema de Informação da Província Jesuítica do Paraguai**. In: El uso de Sistemas de Información Geográfica (SIG) en Arqueología Sudamericana. Oxford: BAR International, 2013. p.157-172.

ROSSI, Elvio Antônio. **O sistema urbanístico das Missões Jesuíticas**. HACER: História da Arte e da Cultura. 2011 [online]. Disponível em: <<https://www.hacer.com.br/sistema-urbanistico>>. Acesso em: 26 ago. 2018.

SANSONI, Andrés. <a-----@yahoo.com.ar>. Entrevista de estudo TCC Natália Reichert Greff. 19 de agosto de 2018. Mensagem enviada para: <r-----@hotmail.com> em 19 de agosto de 2018. (=doc.eletr.)

SNIHUR, Esteban Angel. **O universo missioneiro guarani**: um território e um patrimônio. Buenos Aires: Golden Company, 2007.

SOSTER, Sandra Schmitt. **Missões Jesuíticas como sistema** / Sandra Schmitt Soster; orientadora Anja Pratschke. São Carlos, 2014. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e Área de Concentração em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo -- Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2014.

THIELKE, Nathália. **O percurso das imagens**: a estátuária missioneira no Museu Júlio de Castilhos e no Museu das Missões (1903-1940). 2014, 217f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.



4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3